

XXXXX
XXXXX
XXXXX
XXXXX
XXXXX

XX
XX
XX
XX
XX

XX XX
XX XX
XX XX
XX XX
XX XX

XXXX
XXXX
XXXX
XXXX
XXXX

XXXXX
XXXXX
XXXXX
XXXXX
XXXXX

PELO PARTIDO REVOLUCIONARIO DO PROLETARIADO!
PELA QUARTA INTERNACIONAL!

XXXX
XXXX
XXXX
XXXX
XXXX

XXXX
XXXX
XXXX
XXXX
XXXX

XXXX
XXXX
XXXX
XXXX
XXXX

XX
XX
XX
XX
XX

XXXX
XXXX
XXXX
XXXX
XXXX

XXXX
XXXX
XXXX
XXXX
XXXX

XXXX
XXXX
XXXX
XXXX
XXXX

XXXX
XXXX
XXXX
XXXX
XXXX

EDITADA PELO COMITÊ CENTRAL PROVISÓRIO DO PARTIDO OPERÁRIO LENINISTA

Anno VIII

Belo Horizonte, 23 de Abril de 1928.

Nº 39 (5)

SOB O TACÃO DO IMPERIALISMO ITALIANO

Com a nomeação de Oswaldo Aranha para a pasta do exterior o governo de Getúlio passou a gravitar inteiramente na órbita do imperialismo americano. A possibilidade de manobra de que o próprio Getúlio se utilizou durante os 7 anos de governo, valeu-se das contradições inter-imperialistas, desapareceu inteiramente. O governo do Brasil é hoje, mais do que nunca, uma simples agência do imperialismo yanqui. De nada valeram as fanfarronadas do discurso de 10 de Novembro. De recuo em recuo Getúlio acabou à mercê dos magnatas de Wall Street. A grave situação econômica que o país atravessa e a impopularidade do Estado-Novo em todas as camadas da população não permitiram a Getúlio por em prática o seu "programa". Conseguiu apenas continuar no poder, embora de toda a parte surtam e se avolumem as ameaças à sua estabilidade.

Um dos primeiros atos do governo, após a nomeação de Oswaldo Aranha, foi o decreto do fechamento das escolas estrangeiras alemãs, italianas, judaicas, etc... Não faltou quem visse neste ato do governo um traço reacionário de Getúlio uma medida anti-fascista típica. Os aplausos delirantes não se fizeram esperar. Não resta a menor dúvida de que o fascismo italiano e o nazismo alemão lançam mão de todos os meios para fazer e propaganda do seu regime e preparar o terreno para uma penetração mais eficaz. As escolas que eles sustentam tem por fim incutir nas crianças os princípios do regime selvagem que escraviza os povos italiano e alemão e criar instrumentos capazes para serem manobrados por Hitler e Mussolini. A luta contra a infiltração nazista e fascista de há muito já devia ter sido iniciada afim de impedir que os governos italiano e alemão lancem mão dos recursos mais ignóbeis para aterrorizar as respectivas colônias e criem inclusive partidos nacionais - o integralismo - para melhor preparar o terreno para a sua penetração econômica.

A luta contra a infiltração fascista não pode ser feita por uma ditadura policial-militar que copia os métodos fascistas, conseqüentemente na sua constituição e ações se utiliza para impedir os movimentos dos operários e das massas trabalhadoras. Não se pode combater o fascismo em nome de princípios humanais e reacionários. Não se pode tampouco esperar resultados de uma medida ditada diretamente pelo imperialismo que visa antes de tudo os seus próprios interesses. A medida do governo getuliano serviria apenas para provocar mais ainda os alemães e italianos em torno de Hitler e Mussolini que se arvoram clinicamente em defensores dos perseguidos. Os Estados Unidos que impõem a Getúlio esta medida "democrática" se arvoram neste momento em defensores dos magnatas americanos, donos das explorações petrolíferas, expropriadas pelo governo do México, que ha deconos suagam o sangue do proletariado e do povo mexicano. O ato de Cárdenas, tipicamente anti-imperialista e imposto pelas organizações operárias e populares do México, encontrou a mais viva oposição por parte do "campesinato democrático" Roosevelt. Como esperar de um governo inteiramente enfiado aos Estados Unidos medidas que possam vir a beneficiar direta ou indiretamente as massas trabalhadoras? Como aplaudir um ato que traz o sélo de luta inter-imperialista que atinge uma agudez extrema nas vésperas de guerra, no período de preparação febril para a carnificina mundial?

Getúlio o aliado de ontem do integralismo e Roosevelt que se levanta em defesa dos magnatas americanos do petróleo não podem inspirar a menor confiança às massas trabalhadoras. As medidas "anti-fascistas" feitas à sombra de uma ditadura policial e de uma constituição "outorgada" à força são um escárnio lançado à face do proletariado que não tem mais o direito de lutar pelo aumento de seu salário.

O fechamento das escolas estrangeiras

nao foi ditado por principios democraticos, fez-se em nome de um nacionalismo vago e reaccionario e só servirá para o exaltar mais ainda o chauvinismo selvagem, campo proprio para a preparação ideológica da guerra. O ato do governo foi ditado por contingencias de momento, pela dependencia es traída em que a economia nacional se encontra em face do dolar americano. Sem ligação alguma com um movimento de opinião, asfixiada pela "constituição" de 10 de Novembro, só durará enquanto convier à actual ca marilha dirigente. Sem o controle desta mesma opinião publica o decreto ficará a penas no papel, para preencher as suas finalidades demagogicas, como vem acontecendo com a "luta" anti-integralista. Descoberto o complot integralista, segundo informação oficial da policia, o governo tratou de avisar aos chefes do signa para que se escondessem. Nenhum deles foi preso. Os integralistas presos tiveram sorte bem diversa da dos presos de 35. Não passaram mezes e anos a fio nas prisões. Dias depois da prisão foram soltos em massa. Como acreditar em atos "anti-fascistas" de um tal governo?

Não! A luta contra a infiltração fascista é inseparavel da luta contra o regimen de 10 de Novembro. Um país asfixiado pelo arbitrio policial e pela violência é um terreno proprio para os assaltos da Hierarquia. Não há um país onde as escolas e igrejas, os sindicatos e associações democráticas não sejam um elemento eficaz de luta contra a barreira fascista. Só a liberdade de imprensa, de reunião e de organi-

zação pode criar as forças necessarias para oppor um dique à peste fascista.

As massas trabalhadoras organizadas em sindicatos e partidos, tendo a mais ampla liberdade para defender seus interesses economicos e politicos saberão ganhar para a sua causa os operários alemães, italianos, e... Os trabalhadores estão ligados por ligações mais fortes do que o nacionalismo chauvinista de que o governo de Getúlio tambem já começa a lançar mão.

Contra a ditadura policial-militar de Getúlio, contra a ameaça fascista, contra o chauvinismo reaccionario as massas trabalhadoras devem levantar a bandeira da luta de classe, a bandeira das liberdades democraticas -- direitos de reunião, imprensa, organização, greve -- a bandeira do socialismo. Esta é a unica bandeira que pode congregiar todos os explorados sem distincção de nacionalidades.

A conquista das liberdades democraticas pelas massas trabalhadoras do Brasil é o primeiro passo para a luta contra a infiltração nazista e fascista.

Este é o unico caminho a seguir.

7-4-38

STALIN PREPARA NOVOS CRIMES.

Ao mesmo tempo em que era conhecido o vereditum do Tribunal presidido pelo antigo guarda branco Vickinsky, condenando à morte Bukarin, Rikof, Kravinsky e outros velhos bolcheviques, anunciava tambem a imprensa de Stalin a preparação de um novo processo-monstro destinado a condenar Bela-Kun, Antónov Ovsénik, Rosemborg e outros antigos revolucionarios. O fato de estarem envolvidos no novo processo em elaboraçao nos calabouços de Chapáev são tres personagens responsaveis pela politica stalinista nos ultimos acontecimentos da Espanha, e duplamente significativos. Primeiro, porque põe a nu, em toda a sua hediondez, o caracter partido e burocratico da responsavel pela politica traidora ao povo da Revolução de que tais elementos foram simples agentes do maior nomeado, embora sem o menor escrupulo. Segundo, porque eles vão receber agora, na mesma noção, o pagamento dos crimes contra o proletariado espanhol de que foram os orientadores con-

entes. Ninguém ignora mais, hoje, ter sido sob a orientação secreta de Bela-Kun e ostensiva de Rosemborg o Ovséniko que Stalin e seus associados esmagaram o impecavel movimento acidental das massas trabalhadoras de Espanha, atrelando-as ao carro descompartado da burguezia chamada "republicana". Nem ha mais quem ignore ter sido ainda sob a sua responsabilidade imediata que os agentes da Guoccha, covardemente assassinaram os conhecidos "leaders" revolucionarios Andrés Nin (chefe do P.O.U.M.), Dumuti (chefe anarquista), Juan Naves (chefe das milicias do P.O.U.M.), Camillo Bernkerl (anti-fascista italiano), Bryan Wolf (trotakista), Mark Elia (socialista de esquerda) e desenas de outros. Agora, depois de haverem cumprido fielmente a triste missão que lhes dou o Com de Moscou, por sua vez, tambem vão ser assassinados. E o mais interessante é que eles estão sendo acusados com os mesmos apitões amovais de "contra-revolucionarios",

174

"agentes do fascismo", etc. que tanto prolixamente descrevem os revolucionários separados que não seguem a sua cartilha. Isso, ao mesmo tempo que mostra a vacuidade de tais acusações, revela, por outro lado, o caráter típico de quem a inventa e o verdadeiro perigo que hoje representa esse no mundo operário. Para os espíritos simplistas que não encaram tais fatos senão pelo aspecto pessoal e circunstancial que revestem, isto tudo poderia, afinal, ser considerado como uma espécie de vingança do destino. Para aqueles que, como nós, os encaram do um ponto de vista histórico, materialista, a sua significação assume aspecto diverso. Não é por qualquer designidade ou fatalidade que esses elementos vão ser sacrificados como o foram as suas vítimas. É porque isso interessa, antes de mais nada, à consolidação do prestígio político de Stalin e sua clique, seriamente abalada pelas continuas derrotas de seus aliados espanhóis. Para que não recaia sobre a cartilha monovita o peso de todos esses fracassos, é preciso responder publicamente, em um novo processo-monstro, os seus emissários junto aos governos de Madrid, Valência e Barcelona. Só assim, o sátrapa do Kremlin poderá continuar lucrando nas boas graças das novas camadas sociais privilegiadas que se beneficiam do poder, na U.R.S.S., usurpando as requistas e regalias do proletariado, e poderá, ainda iludir por mais algum tempo os seus aliados internacionais, incluindo pessoas de elevada opinião espanhola. É, pois, por espírito de auto-conservação que ele assim age. Há no interior da reação social e política, dentro e fora da U.R.S.S., que vai ser organizada o novo processo-monstro de Moscou. Depois de haver afastado dos conselhos do governo revolucionário os principais chefes da Revolução de 17, os colchetes imediatos de Lenin, primeiro liquidando-os politicamente e depois fisicamente, os meses caindo, Stalin entredita agora, sem escrúpulos, como é de seu feitio, pelo caminho lambeante da reação internacional, a ser vice direito de imperialismo, o chamado Plano de I.C., realizado em Paris no mês de Abril do ano passado e denunciado por Trotsky como uma simples condenação de agentes reacionários da C.G.P.U. no estrangeiro, foi o sinal para uma nova investida contra o movimento operário mundial e seus militantes de vanguarda. O processo de Bala Kua, o antigo chefe de governo socialista da Hungria, dirigente do Komintern, contactado internacionalmente e que há muito se encontrava em prisão na U.R.S.S., vale não só como mais sintoma da gangrena que corre o movimento operário da Europa Leste, como uma investida contra líderes dirigentes de seus setores reacionários que começam a vacilar

deante de tantas crises. Os camponeses da Lituânia, com os mãos ainda tintas de sangue dos velhos bolcheviques, vão ser agora uma nova tarefa histórica não menos dignificante e fútil os perseguidos políticos e revolucionários de todos os países que, por bem ou por mal, tenham estado em sua cartilha. Não são os que se refugiaram na U.R.S.S., pensando encontrar ali a liberdade que lhes era negada em outros lugares, como os que, no resto do mundo, puseram em dúvida a infalibilidade do papa do Kremlin, terão de se haver agora não só com a polícia de seus respectivos países, mas com a poderosa organização internacional da C.G.P.U. Após o fustigamento de Enrico Tassili, virá o do não menos famoso Dimitroff, que, segundo se afirma, já perdeu também as graças de Stalin. É provável mesmo que um dos próximos processos de Moscou já não seja de "contra-revolucionários" propriamente russos, mas de conhecidos revolucionários estrangeiros tendo à frente o celebre advogado do Tribunal de Leipzig. Nesse modo, Stalin não só prestará um excelente serviço aos seus aliados "democráticos" do estrangeiro, mas se reconciliará também com Hitler e Mussolini, integrando-se definitivamente, com o curso e bagagem, entre os grandes defensores do ordenamento capitalista contra a revolução social e o "comunismo desagregador". Quanto de tal perspectiva e de crimes tão monstruosos, é preciso que os verdadeiros amigos da U.R.S.S., os comunistas e socialistas sinceros, todos aqueles, enfim, que colocam os interesses da Revolução acima do prestígio da clique de Moscou, tomem posição decidida e aborte contra essa campanha vergonhosa. O que está em jogo não é o prestígio dessa ou daquela organização, cuja unidade seja preciso renovar a bem de sua cartilha diligente, mas a salvação do socialismo insurrecional na Rússia pela Revolução de Outubro, e mais do que isso, do próprio prestígio internacional do comunismo, abalado, dia a dia, pelos golpes traiçoeiros de Stalin e sua grei. Os processos de Moscou não desmoralizam apenas o regime stalinista aos olhos do mundo inteiro, mas constituem uma arma perigosa de que a burguesia internacional vem fazendo largo uso contra a ideia do socialismo defendido pelo proletariado consciente de todos os países. Não é por acaso, nem muito menos por sentimentos de humanidade que a imprensa burguesa - e particularmente a fascista - tem feito tanto alarde em torno desses processos. A burguesia bem sabe onde quer chegar. O que ela pretende é a submissão completa do proletariado, e sua desorganização como classe, a fim de que melhor possa explorar a sua força de trabalho e afastar assim todos os riscos

nos "socialistas" do tipo de Negrin e Prieto e aos "burgueses democraticos" e ma-
neira de Aranha e Companys.

Crimes dessa especie, as messas operari-
as bon e sabem, nada tem de extraordinari-
o, são acontecimentos comuns no vicio do
stalinismo. Perguntamos agora: querda o
CCP da Catalunha usurpar as tarefas que,
no momento oportuno, estão reservadas á
camilha de Hossou, e, por sua própria con-
ta, aplicar contra o P.O.L. os mesmos me-
tos "revolucionarios" já applicados com ê-
xito, na Espanha, contra o P.O.U.M.? Não
duvidando de que, assim fazendo o CCP se
cobrirá de "gloria" e ganhará muito no con-
curso do chefe "bem amado", o "grande" Sta-
lin. Assim, o movimento revolucionario
no Brasil terá, sem duvida nenhuma, o mes-
mo resultado do movimento revolucionario
na Espanha: será esmagado sob as patas
do fascismo e de seu melhor aliado, o
linismo.

O tempo de a fração disidente aban-
de. O tempo de escolher entre a fidelidade
do leninismo stalinista e a fidelida-
de á revolução proletaria.

O movimento revolucionario requer ou-
tras metodes. A depressão em que ha en-
contra e o secundario avango do fascismo
em todo mundo são resultantes de uma pro-
funda crise de desajuste e de carença que
corroi amplas camadas das classes traba-
lhadoras, desajuste na luta e de carença no
socialismo, que a social-democracia trahi
e o stalinismo, íss notar, prostituiu.

Avicultores dirigentes da fracção opo-
cionista e pensamento dos operários de um
guarda, procurem conhecer como elas veem
a situação na Espanha e França, o que as
les ponha da politica internacional da
I.C. e dos processos de Moscú e não de-
cristatar o abismo que os separa da prole-
tariado e de sua própria pass.

O movimento revolucionario requer antes
de tudo honestidade para com a classe re-
volucionaria. Seria inutil procurar em to-
da historia do stalinismo uma attitude qual-
quer em que se possa vislumbrar algum re-
flexo de honestidade. Ora, não julguem os
líderes dissidentes que uma parte do par-
tido os acompanhe na lutacionista, uni-

arante pelo fato de não concordar com o
assolo a camilatura de José Américo, ou
por divergencias no que diz respeito ás
formas materiais da hipotética revolução
socialista. Libertadora. Estas simples ra-
zões não justificam uma cisão num par-
tido de militantes, proibidos de pen-
sar e de tomar próprias cobijas, estão do-
na milice, habituados aos mais desconcer-
tantes e ás mais e a toda sorte de desvi-
os de causas mais profundas. Parte do
partido e parte dos seus simpatizantes,
muito embora não pretendamos afirmar que
se tenham tomado de simpatias pelo movi-
mento da IV Internacional, sentem-se fa-
tos á onojada do stalinismo como método
e teoria. A confiança que parte do parti-
do e parte dos seus simpatizantes deposi-
tam no pretérito leninista e deve ser conser-
vada. A dissidência não é politica (a
medida em que os processos de Moscú e Fran-
ça, não apenas de fracção dirigente
do P.O.B., mas a coexistencia que co-
tempo o organismo de todos os seus
dos partidos comunistas que vegetam
pelo mundo, cuja origem se encontra na
putrefacção politica e moral da cam-
riha que domina a U.R.S.S. e manja
a I.C. Não resta, pois, a dissiden-
cia sendo uma alternativa, ou avanga
resoluta e desacombradamente pela es-
trada da revolução, ou rotica, como foi,
e a abstração de novo até os olhos
no pitonco petrificado do crime e do
traço de onde partiu e de que per-
rao ter saudades.

Sallam os venhores líderes da oppo-
sición do P.O.B.: o gangsterismo e
o leninismo, as armas principais do
arsenal stalinista, são incompative-
is com o movimento revolucionario
da classe operaria.

Jo - 4 - 38

A l d o.

A emancipação dos trabalhadores só poderá
ser feita pelos próprios trabalhadores.

AUMENTO DE SALARIOS NA INDUSTRIA TEXTIL

Os jornais burgueses annulayam, ha dias,
que na industria de tecidos, do conito a
ordem do Ministério do Trabalho e de di-
rigentes avarias da União das Quilatas
em Fabriças de Tecidos do Rio, haviam con-
colvido a aumentar em 20% os miseraveis sa-
larios que paguelemos todos quantos labu-
tamos na industria textil. Esse projecta-
do aumento, aliás, já data de um ano

três, sendo porém ficando em simples pro-
messa até aqui. A que concessões feitas e
realizadas, não vem geralmente
outro objectivo de que é de nos tapear, pon-
do a nossa cartada, para que a caldeira
do descontentamento das massas não possa ex-
plodir, conquistando pela própria força
quillo que é de seu direito.
Mas, apesar de tudo, vejamos qual deve ser

... e a iniciativa no sentido de melhorar as nossas condições de vida e de trabalho. Não, portanto, não quer dizer que devamos permanecer de braços cruzados à espera que os patrões se dêem conta espontaneamente a nos dar mais e mais benefícios. Os salários dos trabalhadores são a base do nosso trabalho. Devemos, portanto, que a aumentemos não só em termos de quantidade, mas também o mais rapidamente possível. Mas que isso, devemos fazer em benefício de quem responde pelo aumento do preço relativo ao aumento do custo de vida. Não de 20% e não de 30% como nos dizem os patrões. Aumentar de 50% sobre os atuais salários, isto sim.

Nos estabelecimentos que os patrões na indústria têxtil, permanecem mais ou menos as mesmas condições desde há muito tempo, aliás, trabalham de modo muito semelhante ao que se encontra em outros países. De qualquer modo, porém, há um aumento de 1925 para 34 em os salários e a razão da nossa indústria, a que, de acordo com o plano em elaboração no Ministério do Trabalho, devia reduzir a uma inflação nominal o anunciado aumento de 50% que se teve em conta a não o aumento geral de 5% nos salários decretado pelo Interventor João Alberto, em São Paulo, logo depois de 1930. Ora, se o aumento de que se vem falando é de 20% sobre os salários pagos em 1925, os operários na indústria têxtil de São Paulo, irão ter, portanto, a elevação nominal de 15% apenas.

Mas, o que é mais iniquo nisso tudo é que o custo de vida nestas últimas 10 ou 12 vezes aumentou quatro ou cinco vezes mais, reduzindo, por consequência, a capacidade aquisitiva dos salários a uma fração da primeira. O preço dos produtos de primeira necessidade triplicou ou quadruplicou, subiram mais do que o dobro, tudo aumentou. Como é possível, pois, admitirmos uma taxa maior de lucro formal de 15 ou 20% em nossos salários? Não, isso é um absurdo lançado à nossa face. Devemos exigir aumento, não de 50%, não de mais. Não. Logo, devemos agir desde já para nos assegurar o aumento a que temos direito. Não devemos esperar que os patrões tenham iniciativa, devemos nós mesmos ir consultando a massa com o que

... unidades dos que trabalham em fábricas de têxteis. Só agindo com decisão e energia poderemos obter essa melhoria sem que os industriais possam ilacuar a nossa luta.

Para que isso seja, entretanto, possível, não devemos confiar na iniciativa dos patrões da nossa indústria. Têm estes serviços do Departamento Estadual de Trabalho e não fazem com consultar antes a Delegacia de Ordem Social. Portanto, nos meses de que se voure a indústria têxtil no espírito mais possível, devemos organizar com a iniciativa, de em cada núcleo de trabalho, em cada fábrica, de constituição de um grupo cuo objetivo dedicação a levar avante as nossas lutas. Vejamos entre aqueles estabelecimentos que estão mais próximos de nós os que são mais decididos a não terem as consequências da nossa luta. A obra nos últimos com demais companhias têxteis. Entretanto, não a necessidade de um aumento de 50% nos nossos salários não de 20% apenas, como prometem os patrões, o nosso aglutinamento, dirigidos um grupo organizado a trabalhar a Junta de Sindicatos, estabelecer o contato com os companheiros das outras fábricas, impulsionemos o movimento, criando uma comissão central negociável perante os dirigentes comitês de fábrica o que faça pressão sobre os dirigentes sindicais, o sentido de ser convocada grande assembleia para deliberação a respeito.

Logo é o que temos a fazer no momento, e segundo credo, fora de tudo, não passa de simples repetição, conversa mole para bom dormir.....

26 Teófilo.

A REAÇÃO AGUDA DO TÊXTEIL CONTRA A NOSSA ORGANIZAÇÃO.

Já estava preparada a presente edição da "Voz da Classe" quando a polícia ditadora, através da imprensa burguesa, com o costumeiro sensacionalismo, o seu comunicado referente às recentes prisões, efetuadas no Rio, entre as quais a da conhecida revolucionária Paga e do nosso camarada H. L. de Toledo.

Essa reação, portanto, que deu origem ao presente número do jornal contra o P.O.U. é o primeiro número do seu órgão oficial. No próximo número responderemos mais pormenorizadamente ao referido comunicado.

A REDAÇÃO

heróicos... de Paris, depois, de quase três semanas de luta intensiva tiveram de baquear, capitulando, afinal, as imposições do governo que acabava de se constituir sob a égide de uma nova união sagrada, como em 1914...

Mas a Democracia Francesa não estava amarrada pelo "cordão alemão" re-organizado por Hitler e a paralisação do trabalho nas indústrias de guerra não estava, acaso, abrindo caminho as novas hordas prussianas? Como admitir manter a divisa nacional quando o inimigo ameaçava bater às portas de Paris, como em 1871?

Na mesma época, quando o capitalismo estava em pleno desenvolvimento e o proletariado ainda não se encontrava maduro para a conquista do poder, Marx defendeu a "Comuna" de Paris como única salvação que se justificava para a defesa do povo francês ameaçado pelo imperialismo alemão. Ele afirmou que a Comuna de Paris foi a primeira tentativa de se construir a sociedade socialista por vias democráticas no mundo. Apesar do verdadeiro crime essa tentativa não pôde ser lançada em plena liberdade. Quando se viu que a burguesia se apertava em atrazo contra a vitória da revolução, ela chamou à tona a "classe operária" para a experiência que ela, que na hora do ajuste de contas, quem vem morrendo nos campos de batalha, não são os membros das famílias "200 milhões", mas sim, os filhos do povo que trabalha. Por instinto de classe e pela experiência da Grande Guerra, ele bem sabe que do outro lado das trincheiras estão os seus irmãos de sofrimento, com os quais é preciso se fraternizar na primeira oportunidade que se oferece, assim ao que "nós estamos a péssima das mãos contra seus próprios generais". Para o operário francês, como para o operário alemão, o inimigo não está do outro lado da fronteira. Como disse Leonid Brezhnev: "O seu principal inimigo está em casa, pronto para a sua intervenção". O argumento da "Liberdade Francesa" não é a "liberdade nacional" mas a "liberdade da humanidade" e a "liberdade da humanidade".

...o seu apoio à sua burguesia, é o de luta aberta contra ela, visando a conquista do poder e a realização do socialismo. Já há um ano afastado de uma vez por todas, o perigo, de uma nova guerra. Já assim é que se poderá lutar eficazmente contra as ameaças de Hitler e Mussolini. A atitude dos stalinistas e reformistas do S.F.I.O., recusando, com o seu voto de apoio a Daladier, o poderoso impulso do movimento operário de Paris, e desmascarando-se assim completamente nos olhos da massa que neles ainda confiava tem, pois, uma grande significação para o desenvolver dos acontecimentos que se processam na França. Dequi por diante, esses dois partidos não poderão mais aparecer aos olhos do proletariado como seus representantes, mas como simples agências de influência de algum ou outro operário. Isso constitui uma situação que há muito vinha sendo propagada pelos elementos que pertencem à ala dos princípios da luta de classes e da revolução socialista, passava a parte para o domínio das massas que tenderam a se arregimentar sob a bandeira de uma nova sangüínea revolução. A desagregação do aparelho dos velhos partidos socialista e comunista vem se aprofundando, quando as condições da atual situação reorganizam o político do proletariado, tendo por base as encimamentos de Marx, Lênin e Trotsky. A prova disso está na política fracional de Marcel Pivert, "líder" da ala esquerda do Partido Socialista francês e no descontentamento que lavra nas fileiras do partido stalinista, principalmente no seio da sua juventude. Os partidários da IV Internacional na França, agrupados no Partido Operário Internacionalista, saboreiam profundamente a excelente oportunidade que a atual situação oferece para a ampliação de seus quadros e o estabelecimento de uma mais sólida ligação com as grandes massas trabalhadoras.

A única linha, pois, que resta atualmente, diante desse novo "tourna" da burguesia europeia, é a luta eu-ropéia pela poder, sob a bandeira da revolução socialista, afastando de seu se-queleto todas as tremeduras do reformismo. É a luta pela liberdade, pela democracia, pela justiça social e pela fraternidade. É a luta pela liberdade da humanidade.